

---

## A IMAGEM DE SI NA APOLOGIA PAULINA: A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS*

Joelma Batista dos Santos RIBEIRO<sup>1</sup>  
Doutoranda em Língua Portuguesa – PUC-SP

### RESUMO

Este artigo apresenta uma análise da manifestação do *ethos* de Paulo na defesa do seu apostolado; especificamente, verifica como as três qualidades do orador crível apontadas por Aristóteles (2005), *phónesis*, *areté* e *eúnoia*, são constituídas no discurso e como resgatam sua autoridade de apóstolo, outrora maculada pelos seus oponentes na comunidade cristã dos fiéis de Corinto. Para tanto, foi utilizado o arcabouço teórico da Retórica Antiga e da Nova Retórica, com os estudos de Aristóteles (2005), Eggs (2019), Meyer (2007), Ferreira (2010) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). Também se contou com as contribuições dos estudos de Filosofia sobre Religião, com Chauí (2000), e das Ciências da Religião, com Murphy-O'Connor (2004), Kruse (2007) e Comblin (1991).

**Palavras-chave:** Retórica. *Ethos*. Apóstolo Paulo.

### Considerações iniciais

O tema deste artigo é o *ethos* do apóstolo Paulo no ato retórico da apologia ao seu apostolado. O objetivo geral é contribuir para os estudos dos discursos religiosos nas áreas das análises discursivas e argumentativas. O objetivo específico é analisar como ocorre a construção do *ethos* paulino na defesa de seu apostolado e, especificamente, como as três qualidades do orador crível apontadas por Aristóteles (2005): *phónesis*, *areté* e *eúnoia*, são apresentadas no discurso e como resgatam a autoridade do apóstolo, outrora maculada pelos seus opositores.

Para tanto, serão abordados brevemente alguns conceitos da área da retórica, principalmente a noção do *ethos* aristotélico e suas imbricações com as provas retóricas *pathos* e *logos*, seguidos de uma breve contextualização da situação retórica que permeia o *corpus*. O artigo finalizará com a análise do *ethos* na apologia paulina, que se encontra em 2 Coríntios nos capítulos de 10 a 13 da Bíblia Sagrada (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006).

### Algumas considerações sobre retórica e discurso religioso

Parte-se da ideia de que a linguagem carrega o poder de fazer mudar percepções, sentimentos, valores, posicionamentos e ações. O orador eficiente é capaz de se revestir dessa potencialidade e, por meio do discurso, fazer o auditório aderir à sua tese, de maneira a

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: joelma.bsr@gmail.com

---

convencer (*docere*), comover (*movere*) e agradar (*delectare*), finalidades do discurso persuasivo. Esse poder da linguagem remonta a uma disciplina da Antiguidade: a retórica. Por meio do seu uso, os antigos falavam persuasivamente em suas cidades, a fim de resolver as demandas, ao utilizar a eloquência retórica.

Assim, para os antigos, ressaltam-se os da Grécia, a isogoria – o direito de qualquer cidadão tomar a palavra em uma assembleia e expressar persuasivamente sua opinião –, juntamente com a isonomia - que consiste no princípio de igualdade de todos perante a lei -, foram ideais determinantes para aquela sociedade, assim como, para o desenvolvimento dos estudos sobre retórica realizados por retores como Isócrates (436 a.C.-338 a.C.) e Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.). A parrésia, invenção também grega, inspirou a oratória do cristianismo primitivo, pois consistia não só no direito de tomar a palavra, mas fazê-lo com liberdade, franqueza e destemor (TRINGALI, 2014). Está na parrésia o germen das ações dos primeiros cristãos e do próprio Cristo que, no papel de oradores propagadores do cristianismo, se colocaram diante de auditórios e proferiram discursos, sermões, parábolas, e ainda, alguns escreveram epístolas para as jovens comunidades de fé, conforme se pode encontrar no cânon do Novo Testamento da Bíblia Sagrada (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006).

A retórica, que pode ser entendida como disciplina, arte ou técnica desde a Antiguidade, se ocupa dos discursos que se encontram no universo da *doxa*, ou seja, da opinião. Ela se estabelece nos casos em que não há evidências e o único caminho a ser percorrido é o do provável, do plausível e do verossímil, pois desses escapam todas as possibilidades demonstravelmente calculáveis. Esse aspecto da retórica levou Platão (428-347 a.C.) a repudiá-la por considerá-la viciosa e descompromissada com a verdade. Por isso, o filósofo dedicou seus diálogos: o “Górgias” e o “Fedro”<sup>2</sup>, à crítica da retórica. Platão marcou negativamente a retórica e, mais tarde, na história da disciplina, vários estudiosos seriam influenciados por essas ideias platônicas.

Aristóteles, discípulo de Platão, por sua vez, realizou uma revitalização da retórica na Antiguidade e até afirmou que “a retórica é útil, porque o verdadeiro e o justo são, por natureza, melhores que seus contrários. Donde se segue que, se as decisões não forem proferidas como convém, o verdadeiro e o justo serão necessariamente sacrificados: resultado esse digno de censura” (ARISTÓTELES, 2005, p. 31). A retórica de Aristóteles, inscrita em sua obra “Arte

---

<sup>2</sup> *Górgias* e *Fedro*: obras de Platão que consistem em diálogos. Em *Górgias*, Sócrates, mestre de Platão, e Górgias, um sofista, com dois de seus discípulos, discutem sobre retórica. Nessa obra, Platão desmerece a retórica e a apresenta sob um viés sofístico. No *Fedro*, Platão defende a retórica filosófica, ou seja, comprometida com a verdade (TRINGALI, 2014).

---

Retórica”, considera a disciplina como “a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão” (ARISTÓTELES, 2005, p. 33). O filósofo atribuiu à retórica a capacidade de detectar os meios de provas adequados a cada situação.

Durante toda sua história, a retórica teve seus momentos de redução, desprezo e desmerecimento, mas também teve seus momentos de valorização e glória. Reboul (2004) afirma que nos momentos de ditadura a retórica empalidece, mas revigora nos momentos que se propiciam os debates. Nos discursos religiosos, a retórica acha território fértil, uma vez que esses discursos têm alto teor persuasivo e se encontram no universo da crença, que ocupa, em consonância com a lógica da fé professada, o âmbito do provável e do plausível. Em outras palavras, “a religião é crença, não saber” (CHAUI, 2000, p. 382), logo, os discursos produzidos por ela estarão alicerçados na fé e não no conhecimento científico que pode ser demonstrado.

Segundo Chauí (2000), a religião cristã tem o seu saber consignado em um livro, a Bíblia, a qual possui um conjunto de textos que formam a sua doutrina. Parte desses textos são interpretativos e compostos de verdades compreensíveis à inteligência humana; outra parte, no entanto, constitui-se das verdades incompreensíveis, são os dogmas da fé que escapam à razão humana ou ao verossímil, que são cridos pelos fiéis e não questionados, mas que fazem parte da lógica religiosa.

Afirma Reboul (2004, p. 77) que a “Bíblia é profundamente retórica. Não sobejam nela metáforas, alegorias, jogos de palavras, antíteses, argumentações, tanto quanto nos textos gregos se não mais”. Por isso, pode-se entender que a Bíblia, que faz parte dos discursos religiosos, é carregada de retoricidade; em outras palavras, assim como outros discursos que permeiam a sociedade, busca a adesão à tese que apresenta e para isso utiliza-se de mecanismos persuasivos. Por esses motivos, justifica-se estudá-la sob o viés da retórica.

### **A tríade retórica: *ethos*, *pathos* e *logos***

Para Aristóteles (2005), o discurso retórico é composto por três partes: o orador, o assunto (o que é tratado) e o ouvinte (o auditório para quem se dirige). Também são três as provas técnicas que podem residir: no caráter moral do orador (*ethos*); nas disposições criadas no auditório (*pathos*); e no próprio discurso no que demonstra ou parece demonstrar (*logos*). Entre as provas técnicas, podemos, ainda, dividi-las em: provas psicológicas, que abarcam o *ethos* e o *pathos*; e provas lógicas, que abrangem o *logos*.

Aquele que toma a palavra falada ou escrita, para obter a persuasão, deve transmitir confiança para o auditório, ou seja, o orador precisa parecer crível. Essa construção da imagem

do orador, o *ethos*, é engendrado no discurso mediante as escolhas estilísticas e linguísticas das formas de se expressar (EGGS, 2019).

Aristóteles distancia-se dos retores de sua época ao atribuir ao *ethos* importância persuasiva. Aliás, segundo Eggs (2019), o filósofo emprega na sua obra *Arte Retórica* o termo *epiékheia* ao se referir ao *ethos*, termo esse que pode ser traduzido para honesto. Dessa forma, na tradução da obra do filósofo de Estagira, o orador que transparecer no seu discurso o caráter honesto (*epiékheia*) parecerá mais digno de confiança (ARISTÓTELES, 2005). No entanto, o termo *epiékheia* também foi utilizado por Aristóteles como um termo jurídico que tem o sentido de equidade, que se aproxima do sentido de *areté*, uma das qualidades dos *ethos*, que será apresentado ainda nesta seção.

Como explica Aristóteles no Livro I da *Arte Retórica*,

Obtém-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança. As pessoas de bem inspiram confiança mais eficazmente e mais rapidamente e em todos os assuntos, de um modo geral; mas nas questões em que não há possibilidade de obter certeza e que prestam a dúvida, essa confiança reveste particular importância. É preciso também que este resultado seja obtido pelo discurso sem que intervenha qualquer preconceito favorável ao caráter do orador. Muito errônea é a afirmação de certos autores de artes oratórias, segundo a qual a probidade do orador em nada contribuiria para a persuasão pelo discurso. Muito pelo contrário, **o caráter moral [*ethos*] deste constitui, por assim dizer, a prova determinante por excelência** (ARISTÓTELES, 2005, p. 33, grifos nossos).

Nesse trecho, o filósofo salienta, conforme indicam nossos grifos, que o *ethos* é a principal prova persuasiva da tríade *ethos*, *pathos* e *logos*. No entanto, é no início do segundo livro de *Arte Retórica* que Aristóteles descreve as qualidades que torna o orador persuasivo: “A confiança que os oradores inspiram provém de três causas, sem contar as demonstrações; e são as únicas que obtêm a nossa confiança. Ei-las: a prudência (*phrónesis*), a virtude (*areté*) e a benevolência (*eúnoia*)” (ARISTÓTELES, 2005, p. 97). O filósofo salienta que é necessário que o orador deixe transparecer as três qualidades para que alcance a persuasão.

Assim, o orador manifesta a *phrónesis* se evidenciar o bom senso e a ponderação e se ainda se pautar na construção da argumentatividade debruçado na razoabilidade, no discernimento e no respeito às outras opiniões; essa qualidade está ligada à razão prática e, portanto, ao *logos* (FERREIRA; FIGUEIREDO, 2016). O orador, para mostrar-se virtuoso, *areté*, deve parecer sincero, simples e franco ao expor seu ponto de vista, além de corajoso e justo; essas qualidades estão ligadas ao próprio caráter do orador, o *ethos*. A *eúnoia* evidencia-se pela benevolência e pela atitude respeitosa do orador para com seus ouvintes. Está ligada ao *pathos*, pois o orador poderá despertar paixões no auditório ao mostrar como pode ser bom,

tolerante, indulgente quando necessário, perdoador. Dessa forma, cabe ressaltar que cada uma das qualidades do orador está relacionada com uma das provas retóricas, a saber: *phónesis*, com o *logos*; *areté*, com o *ethos*; e *eúnoia*, com o *pathos*.

O quadro a seguir, elaborado pelo grupo ERA<sup>3</sup>, aponta para alguns possíveis desdobramentos das três características do *ethos* assinaladas por Aristóteles (2005):

Quadro 1 – Características do *ethos*

<b>PHRÓNESIS</b>	<b>ARETÉ</b>	<b>EÚNOIA</b>
Competência	Confiabilidade	Amabilidade
Credibilidade	Determinação	Benevolência
Discernimento	Equanimidade	Cortesia
Ponderação	Franqueza	Delicadeza
Praticidade	Honestidade	Indulgência
Prudência	Integridade	Moralidade
Racionalidade	Simplicidade	Obsequiosidade
Razoabilidade	Sinceridade	Passionalidade
Sabedoria	Tolerância	Simpatia
Sensatez	Virtude	Solidariedade

Fonte: Grupo de Estudos Retóricos – ERA, março de 2019.

Para Aristóteles (2005), o *ethos* não tem que, obrigatoriamente, coincidir com a reputação prévia do orador, mas somente com a imagem de si construída pelo discurso. Assim, as características do *ethos*, ou seja, os desdobramentos de suas qualidades, são reveladas ou insinuadas por meio do discurso realizado pelo orador.

O orador também, além de construir o *ethos* por meio do discurso, suscita no auditório emoções, ou seja, estados de espírito que influenciam nos assentimentos à tese colocada. Aristóteles (2005, p. 33) indica que “obtem-se a persuasão dos ouvintes, quando o discurso os leva a sentir uma paixão, porque os juízos que proferimos variam, consoante experimentamos aflição ou alegria, amizade ou ódio”. Dessa forma, o orador cria disposições de acordo com as paixões que suscita no auditório que, segundo Aristóteles (2005), se classificam em quatorze: cólera, calma, temor, segurança (confiança, audácia), inveja, impudência, amor, ódio, vergonha, emulação, compaixão, favor (obsequiosidade), indignação e desprezo.

<sup>3</sup> O Grupo ERA (Estudos Retóricos e Argumentativos) é formado por pesquisadores da PUC-SP e alguns convidados [www.estudosretoricos.com.br].

---

No entanto, para que o orador obtenha êxito ao suscitar paixões no auditório, é necessário que conheça seus desejos, suas repulsas, seus valores, o que lhe indigna, o que aprecia e outras características que evitarão que cometa equívocos ao suscitar determinadas paixões, uma vez que o que pode suscitar, por exemplo, calma em um auditório, pode, na verdade, suscitar compaixão ou cólera em outro, por isso, há nas paixões o caráter identitário, como afirma Meyer (2000, p. XXXV):

A paixão é, portanto, relação com o outro e representação interiorizada da diferença entre nós e esse outro. A paixão é a própria alteridade, a alternativa que não se fará passar por tal, a relação humana que põe em dificuldade o homem e, eventualmente, o oporá a si mesmo. Compreende-se nessas condições, que a paixão remete às soluções opostas, aos conflitos, à diferença entre os homens. A oponibilidade que une e desune os homens é precisamente o passional, a contingência que os liberta ao mesmo tempo que pode entregá-los ao que destrói e ao que subjuga.

Nessa perspectiva, cabe-nos ressaltar que as paixões são respostas ao orador que as suscitou. Portanto, independentemente da capacidade das paixões de unir, como o amor ou o favor, ou de desunir, como o ódio e a inveja, será sempre um estado emocional o qual o orador poderá utilizar para persuadir o auditório a favor de sua tese.

Tanto o *ethos* como o *pathos* (paixões) se inscrevem no discurso, isto é, no *logos*. Embora se faça por razões didáticas uma divisão das três provas retóricas: *ethos*, *pathos* e *logos*, vale salientar que não é assim que ocorrem nos discursos; antes, são instauradas à medida que o orador profere o seu discurso, seja escrito ou falado, que pode, assim, se darem de forma imbricada, alternada ou concomitante.

Para estudar as provas lógicas, o *logos*, Aristóteles (2005) as dividiu em raciocínios dedutivos e indutivos. Os primeiros consistem nos entimemas, que são silogismos encarregados de afirmações prováveis e plausíveis, passíveis de contestação. Os indutivos contemplam os exemplos que podem ocorrer em forma de comparações, por isso, é possível considerá-los como provas análogas. Assim, para que a persuasão seja estabelecida no discurso (*logos*), é necessário que esse ocorra em linguagem acessível ao auditório e, ainda, que o orador leve o auditório a percorrer, por meio dos raciocínios, um determinado percurso argumentativo. Para tanto, são colocados à disposição do orador os recursos de ordem lexical, sintática, semântica e estilística, que podem ser utilizados com o objetivo de criar efeitos linguísticos de partes ou de todo o texto.

Para Meyer (2007), que estuda a retórica na perspectiva da problematologia, o *ethos* (orador) é aquele com quem o auditório se identifica, por isso, tem o potencial de dar-lhe as respostas que procura à questão tratada. O *pathos*, por sua vez, é a fonte das questões

---

(auditório), mas essas questões podem se transformar em respostas à medida que o orador suscita as paixões. Já o *logos* (discurso) é o encarregado de expressar as perguntas e as respostas e de preservar suas diferenças. Dessa forma, a tríade retórica age no discurso a fim de negociar as distâncias e as diferenças entre os indivíduos.

### **Situação retórica e o ato retórico**

Para Campbell, Huxman e Burkholder (2015, p. 11), o ato retórico é “uma tentativa intencional, criada e trabalhada para superar os desafios em uma dada situação, com um público específico, a respeito de determinada questão para alcançar determinado fim”. Na amostra analisada, a situação retórica consiste no questionamento da autoridade de Paulo como apóstolo por opositores, que culminou no ato retórico com a redação da apologia paulina dirigida ao auditório composto pelos fiéis da comunidade de Corinto.

Diferentemente dos demais apóstolos, Paulo não andou lado a lado e, provavelmente, não foi testemunha ocular do Cristo. De fato, fora perseguidor dos seus seguidores, os quais considerava membros de uma seita que ofendia o judaísmo. Foi no caminho para a cidade de Damasco, onde intentava prender alguns cristãos, segundo relatado no livro do Atos dos Apóstolos, capítulo 9 (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006), que teve uma experiência sobrenatural com Cristo, recebeu o chamado para apóstolo e, como os demais seguidores, passa a proclamar a nova fé.

Foi por meio de viagens missionárias que Paulo realizou a disseminação do cristianismo, pois sua estratégia consistia em fundar, nos lugares que chegava, comunidades de fé com as quais passava um tempo para doutriná-las e treinar líderes. Quando as deixava, mantinha contato por meio de cartas que respondiam dúvidas (1 CORÍNTIOS 7), davam advertências (1 CORÍNTIOS 11. 27) e, ainda, continuava a doutriná-las (1 CORÍNTIOS 12) (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006).

Foi em 50 d.C. que Paulo chegou à cidade de Corinto, onde passou cerca de dezoito meses, período em que estabeleceu uma igreja. Segundo Murphy-O'Connor (2004), a igreja de Corinto era formada por cerca de 40 pessoas de diferentes classes sociais, habilidades políticas, formação religiosa, instrução e recursos financeiros. A única coisa que tinham em comum era o cristianismo, mas, mesmo assim, a competitividade dentro da comunidade era grande. O relacionamento de Paulo com a comunidade de fé de Corinto durou cerca de sete anos; depois de sua partida, manteve com ela uma numerosa correspondência, no entanto, apenas parte dela compôs o cânon sagrado.

---

A cidade de Corinto se encontrava em um centro cosmopolita de origem grega, mas colonizado por italianos. A diversidade cultural vinha do intenso comércio e das atividades esportivas e religiosas que a cidade oferecia. Segundo descreve Comblin (1991), o ambiente da cidade era permeado pela imoralidade e pela religiosidade grega.

Entre os deuses gregos e romanos, encontrava-se na cidade o templo da deusa Afrodite, deusa do amor. O culto à deusa era prestado por meio da prostituição cultural. De acordo com Kruse (2007), antes da destruição da cidade de Corinto, em 146 a.C., praticamente toda a população cultuava a deusa. Após a reconstrução da cidade e já na época em que Paulo estava em Corinto, a cidade ainda permaneceu com um centro de adoração à Afrodite, porém, com templo mais modesto.

Todas essas situações religiosas e culturais, vivenciadas pelos coríntios, influenciavam a jovem comunidade cristã que, desde cedo, apresentava problemas em seguir a sua doutrina, como Paulo mencionou na carta de 1 Coríntios (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006). A nova religião trazida por Paulo pregava um Deus único, soberano e cheio de graça, pronto a perdoar e a salvar aqueles que nele cressem. A liberdade pela graça, pregada por Paulo, foi muito confundida pelos coríntios, que se achavam no direito de praticar os mesmos atos que faziam antes, como prostituição e adoração aos deuses pagãos, como atesta este fragmento da carta 2 aos Coríntios:

Tenho receio de que, quando voltar a ter convosco, o meu Deus me humilhe em relação a vós e eu tenha de prantear muitos daqueles que pecaram anteriormente e não se terão convertido da impureza, da fornicação e da dissolução que cometeram (2 CORÍNTIOS 12.21, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2029).

Também era latente na comunidade a busca por posição religiosa, até mesmo pelos falsos mestres nela infiltrados, que ensinavam um evangelho diferente do que Paulo pregava (2 CORÍNTIOS 11.4, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006). Assim, as advertências e ensinamentos doutrinários de Paulo sobre o modo de viver podem ter sido um dos fatores que levaram esses chamados “eminentes apóstolos” (2 CORÍNTIOS 11. 5, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2027) à negação da legitimidade do apostolado paulino.

### **A imagem dos outros: os opositores e a comunidade**

A própria defesa de Paulo na sua apologia revela quais foram as acusações feitas pelos seus opositores, assim como as estratégias, que consistiam em enfraquecer ou até mesmo anular a influência do apóstolo sobre a comunidade. O texto indica que os opositores



---

acreditavam que se os fiéis assimilassem um *ethos* negativo de Paulo, conseqüentemente, estariam prontos para acatar a autoridade e a liderança deles.

Para tanto, uma das estratégias argumentativas reveladas na apologia de Paulo que foi utilizada para atacá-lo é o *ad hominem*. Segundo Meyer (2007), esse argumento é utilizado quando o oponente não pode ter razão sobre a questão levantada e, então, ataca a pessoa e utiliza os seus próprios argumentos. Os opositores de Paulo, segundo a apologia paulina, o atacou quando não tinham razões palpáveis para colocar em dúvida o seu título, tentaram, dessa forma, desmoralizá-lo, isto é, questionaram o seu *ethos*, por meio de acusações. Alegaram, até mesmo, que o apóstolo tinha conduta carnal, comportamento que o próprio apóstolo repreendia: “[...] recorrendo à audácia com que tenciono agir contra os que nos julgam como se nos comportássemos segundo critérios carnis” (2 CORÍNTIOS 10.2b, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2026).

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), o argumento *ad hominem* se mescla ao argumento *ad personam*, que consiste em atacar o adversário a fim de desmoralizá-lo e destituir-lhe o prestígio. Foi exatamente o que os opositores de Paulo fazem, de acordo com o fragmento abaixo retirado da apologia, ao acusá-lo de fraqueza quando está presente: “Não quero dar impressão de incutir-vos medo por minhas cartas, pois as cartas, dizem, são severas e enérgicas, mas ele, uma vez presente, é homem fraco e sua linguagem é desprezível” (2 CORÍNTIOS 10.9 e 10, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2030).

Também foi acusado de não aceitar dádivas dos coríntios, pois quando chegou à cidade trabalhou no ofício de construir tendas, juntamente com Priscila e seu esposo Áquila (2 CORÍNTIOS 11.7 – 9, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2027), até receber ofertas das igrejas da Macedônia (ATOS 18.1 – 4, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 1935). Naquela época, era costume que pessoas que tivessem ofícios intelectuais recebessem dinheiro ou até cobrassem pelo seu ensino. O trabalho braçal era vergonhoso e restrito apenas aos escravos ou aos muito pobres, por isso, as pessoas instruídas que ensinavam, naquela época, recebiam pelo seu trabalho e nunca se submetiam àqueles outros (MURPHY-O’CONNOR, 2004). Os oponentes de Paulo usam o fato de o apóstolo não aceitar ajuda dos coríntios como acusação, ou melhor, como fator de desvalorização de sua autoridade apostólica. Dessa forma, Paulo se defende ao mencionar que “em tudo evitei ser-vos pesado, e continuarei a evitá-lo” (2 CORÍNTIOS 11.9, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2027), pois “não procuro os vossos bens, mas a vós mesmos” (2 CORÍNTIOS 12. 14b, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2029).

É importante ressaltar que os oponentes de Paulo não têm suas identidades explicitadas

na carta, porém, algumas pistas são dadas: são recém-chegados a Corinto; são de procedência judaica (2 CORÍNTIOS 11. 22); têm habilidades retóricas (2 CORÍNTIOS 10. 10); orgulhavam-se de seus carismas (2 CORÍNTIOS 11. 23); apresentaram-se à comunidade com cartas de recomendação; e ensinavam um evangelho diferente do de Paulo (2 CORÍNTIOS 11. 4, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006).

Apesar de Murphy-O'Connor (2004) afirmar que os oponentes de Paulo fossem judaizantes, grupo de cristãos que praticavam e ensinavam os ritos judaicos, enviados pela igreja de Jerusalém, não há na epístola de 1 ou 2 Coríntios referência que comprove esse fato. O que talvez possa ter ocorrido é que um grupo da comunidade de Corinto, ao qual Paulo chamou na carta de 1 Coríntios de 'os espirituais' (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006), se sentiu ofendido por Paulo e apoiou os oponentes quando esses se manifestaram.

O apóstolo, na sua defesa, ressalta que é obrigado a se exaltar expondo seus títulos, suas experiências e a sua condição de apóstolo devido ao comportamento de seus opositores que se gloriam em si mesmos, por isso, segundo a apologia, se vê constrangido a também se utilizar de insensatez para defender-se:

O que faço, continuarei a fazê-lo a fim de tirar todo pretexto àqueles que procuram algum para se gloriarem dos mesmos títulos que nós! Esses tais são falsos apóstolos, operários enganadores, disfarçados de apóstolos de Cristo. E não é de estranhar! Pois o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz. Por conseguinte, não é surpreendente que os seus ministros também se disfarcem de servidores da justiça. Mas o fim destes corresponderá às suas obras (2 CORÍNTIOS 11. 12 a 15, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2029).

Paulo ainda compara seus opositores ao próprio Satanás, o qual parece bondoso e justo, mas não é. O argumento de comparação, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), permite a justificação de um dos termos pelo outro, ou seja, comparam-se elementos para os avaliar em relação ao outro. A comparação pode tanto aproximar como afastar dois elementos. No caso, ao comparar seus opositores a Satanás, Paulo os insere na categoria de demônios, além de ressaltar que, na verdade, não se opõem apenas à sua autoridade apostólica, mas também a Deus. A força argumentativa ganha um impacto muito grande no auditório, pois aqueles que se encontram propensos a aderir aos oponentes de Paulo podem ser incluídos no grupo dos que servem a Satanás. Nessa perspectiva, é importante ressaltar que além de nomear seus opositores de falsos apóstolos, operários enganadores e disfarçados de apóstolos de Cristo, a comparação com Satanás permite que Paulo construa o *ethos* ainda mais negativo dos seus opositores, ao mesmo tempo que suscita a paixão do temor no seu auditório para que não acredite neles.

Ainda para justificar a própria exaltação, Paulo menciona a comunidade de Corinto também como responsável:

De boa vontade suportais os insensatos, vós [comunidade de Corinto] que sois tão sensatos! Suportais que vos escravizem, que vos devorem, que vos despojem, que vos tratem com soberba, que vos esbofeteiem. Digo-o para vergonha vossa: poder-se-ia crer que nós é que fomos fracos [...] (2 CORÍNTIOS 11. 19 a 21, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2028).

O apóstolo se dirige com ironia à comunidade de Corinto ao chamar seus membros de sensatos. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a ironia faz-se dar a entender o contrário do que se diz, ou seja, na verdade, o apóstolo quer dizer que os próprios fiéis, que se julgam tão sensatos, são insanos ao se deixarem explorar. Assim, o orador constrói o *ethos* também da comunidade de Corinto ao descrevê-la como permissiva e suscetível a qualquer um que se imponha como líder.

Conforme Ferreira (2010, p. 90), o *ethos* é “a imagem que o orador constrói de si e dos outros no interior do discurso”; dessa forma, o apóstolo Paulo na sua apologia constrói, também, o *ethos* negativo de seus oponentes e da própria comunidade de Corinto, a fim de garantir que o seu *ethos*, também construído na apologia, seja crível o suficiente para que resgate a sua autoridade de apóstolo.

### **A imagem de si: o *ethos***

Na apologia, Paulo se utiliza de estratégias para resgatar a credibilidade de seu *ethos* e ganhar a adesão do seu auditório, os corintos. Para tanto, afirma a sua condição de apóstolo por meio do exercício da autoridade dada pelo Cristo: “Eu vos escrevo estas coisas, estando ausente, para que, quando aí chegar, não tenha que recorrer à severidade, conforme o poder que o Senhor me deu para construir, e não para destruir” (2 CORÍNTIOS 13. 10, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2030), por isso, afirma que irá punir: “[...] estamos prontos a punir toda desobediência desde que a vossa obediência seja perfeita” (2 CORÍNTIOS 10. 6, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2026); também fala em nome do Cristo: “Pela verdade de Cristo que está em mim, declaro que este título de glória não me será arrebatado nas regiões da Acaia” (2 CORÍNTIOS 11. 10, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2027); e, ainda, se coloca como juiz da comunidade: “Eis a terceira vez que vou ter convosco. Toda questão será decidida sobre a palavra de duas ou três testemunhas” (2 CORÍNTIOS 13.1, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2019).

Segundo Chauí (2000), o sacerdote possui saberes divinos, conseqüentemente, são lhe dados alguns poderes, como realizar ritos e punir fiéis, pois é o único que conhece as leis divinas o suficiente para tanto. Orlandi (1983, p. 228) por sua vez, afirma que, “no discurso religioso, o representante (padre, pastor, sacerdote etc.) fala no lugar de Deus, mas não se confunde com

ele”. Nessa perspectiva, o apóstolo se coloca como autoridade instituída por Deus e, portanto, competente para intervir com discernimento na situação em que a comunidade se encontra e afirmar sua posição de apóstolo ao ressaltar sua competência, praticidade e discernimento que evidenciam a *phrónesis*, qualidade do *ethos* relacionada à racionalidade. É importante salientar que ao mesmo tempo que Paulo reforça sua competência apostolar (*phrónesis*), também suscita temor ao garantir que agirá com severidade, punirá e julgará os que desobedecerem.

O apóstolo também evidencia a *phrónesis* na sua apologia ao mostrar-se sensato e ponderado antes de tecer elogios a si mesmo: “Quanto a nós, **não nos gloriaremos além da justa medida**, mas nos serviremos, como medida, da regra mesma que Deus nos assinalou: a de termos chegado até vós” (2 CORÍNTIOS 1. 4 e 5, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2027 - grifo nosso). De maneira semelhante, Paulo procede, ao relatar, em terceira pessoa, a experiência de ter sido arrebatado ao terceiro céu: “Conheço um homem em Cristo que, há quatorze anos, foi arrebatado ao terceiro céu – se em seu corpo, não sei: se fora do corpo, não sei; Deus o sabe!” (2 CORÍNTIOS 12. 2 – 3, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2028). No final de seu relato afirma: “Se quisesse gloriar-me, não seria louco, pois só diria a verdade. Mas não o faço, a fim de que ninguém tenha a meu respeito conceito superior àquilo que vê em mim ou me ouve dizer” (2 CORÍNTIOS 12. 5, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2028). O apóstolo transparece, além da sensatez, a humildade e a preocupação com a verdade, traços da qualidade do *ethos* relacionada à virtude, ou seja, *areté*.

A *areté* também é evidenciada após o apóstolo mencionar sobre seu ‘agulhão na carne’<sup>4</sup>, que embora tenha pedido a Deus que o tirasse, não o fez para que pudesse ser nele manifesto o seu poder: “Por conseguinte, com todo o ânimo prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que pouse sobre mim a força de Cristo” (2 CORÍNTIOS 12.9, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2029). O apóstolo busca mostrar-se tolerante com a situação e sincero ao partilhar sua dificuldade com o auditório. Ainda ressalta, na sua afirmação, a identificação com o sofrimento de Cristo.

Paulo busca revelar sua determinação, qualidade também relacionada a *areté*, ao descrever as duras experiências que o apostolado lhe trouxe:

São ministros de Cristo? Como insensato, digo: muito mais eu. Muito mais, pelas fadigas; muito mais, pelas prisões; infinitamente mais, pelos açoites. Muitas vezes, vi-me em perigo de morte. Dos judeus recebi cinco vezes os

<sup>4</sup> Aguilhão na carne: segundo a Bíblia Vida Nova, há muitas especulações e, por isso, a impossibilidade de se concluir definitivamente o que poderia ser o aguilhão na carne. Existe a ideia de que poderia ser sofrimento físico ou doença, como malária (Gálatas 4.13); problemas oculares (Gálatas 4.15); epilepsia ou dores de cabeça entre outros. Também há estudiosos que cogitam a ideia de tentação. Martin Lutero pensava que era as constantes perseguições, especialmente dos judeus que Paulo tanto amava (Romanos 9.3) (BÍBLIA VIDA NOVA, 2006).

quarenta golpes menos um. Três vezes fui flagelado. Uma vez, apedrejado. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto mar. Fiz numerosas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos dos ladrões, perigos por parte dos meus irmãos de estirpe, perigos dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos dos falsos irmãos! Mais ainda: fadigas e duros trabalhos, numerosas vigílias, fome e sede, múltiplos jejuns, frio e nudez! E isto sem contar o mais: a minha preocupação cotidiana, a solicitude que tenho por todas as Igrejas! Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem tropeça, sem que eu também fique febril? (2 CORÍNTIOS 11. 23 a 29, BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 2028).

A sequência de experiências relatadas pelo apóstolo constrói seu *ethos* de determinação, tolerância e franqueza, características que também contribuem para a sua credibilidade como apóstolo, pois revelam a convicção do seu chamado. No final do relato, no entanto, ressalta-se o sentimento de Paulo pelos fiéis: “E isto sem contar o mais: a minha preocupação cotidiana, a solicitude que tenho por todas as Igrejas!” (CORÍNTIOS 11.28, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2028). Evidencia-se, nesse trecho, a característica do *ethos*, a *eúnoia*, que está relacionada com a passionalidade; no caso, Paulo mostra-se solidário para com os fiéis, mesmo ao passar, ele mesmo, por situações difíceis. Os sofrimentos descritos pelo apóstolo suscitam a paixão do amor, uma vez que, segundo Aristóteles, “seja amar o querer para alguém o que se julga bom, para ele e não para nós, e também o ser capaz de realizá-lo na medida do possível” (MEYER, 2007, p. 23). Em outras palavras, Paulo mostra para seu auditório que sua preocupação final são eles e não ele próprio.

Ao se dirigir diretamente na apologia à comunidade de Corinto, o apóstolo expressa: “Experimento por vós um ciúme semelhante ao de Deus. Desposei-vos a esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura. Receio, porém, que, como a serpente seduziu Eva por sua astúcia, vossos pensamentos se corrompam, desviando-se da simplicidade devida a Cristo” (2 CORÍNTIOS 11. 2 e 3, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2027). A preocupação e o cuidado expressos por Paulo contribuem para a construção do *ethos* de amabilidade, simpatia e solidariedade, uma vez que chega a comparar seu cuidado e preocupação com os de Deus, a fim de intensificá-los. Sob a mesma perspectiva passional, ao se aproximar do final da apologia, escreve:

Eis que estou pronto para ir ter convosco pela terceira vez, e não vos serei pesado; pois não procuro os vossos bens, mas a vós mesmos. Não são os filhos que devem acumular bens para os pais, mas sim os pais para os filhos. Quanto a mim, de bom grado despenderei, e me despenderei todo inteiro, em vosso favor. Será que, dedicando-vos mais amor, serei, por isto, menos amado? (2 CORÍNTIOS 12. 14 e 15, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2029).

Paulo se refere à comunidade como filhos, por isso não será pesado a eles. Também revela estar disposto, além de estar com ela, a dedicar-lhe amor. A amabilidade (*eúnoia*) é

---

reforçada ainda no final da apologia quando afirma: “Alegramo-nos todas as vezes que somos fracos, e vós fortes. E o que pedimos em nossas orações é o vosso aperfeiçoamento” (2 CORÍNTIOS 13. 9, BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 2030). As orações do apóstolo estão voltadas para o bem-estar, ou seja, para o aperfeiçoamento da comunidade de Corinto, o que revela o favor que consiste, segundo Aristóteles (2005), em prestar um serviço a quem necessita sem esperar nenhuma vantagem em troca, apenas o benefício do favorecido.

Dessa forma, o apóstolo Paulo, na sua apologia, manifesta, segundo Aristóteles (2005), as três qualidades do orador crível: *phónesis*, *areté* e *eúnoia*, as quais o tornou um orador bem-sucedido.

### Considerações finais

A apologia paulina consiste no ato retórico que tem o objetivo de resgatar a legitimidade da autoridade de Paulo como apóstolo de Cristo na comunidade cristã de Corinto. Os oponentes de Paulo haviam, anteriormente, segundo sua apologia, se utilizado da estratégia de desmoralizá-lo ao questionar sua capacidade, seus títulos, seu conhecimento e sua moral, a fim de enfraquecer sua influência sobre a comunidade e, conseqüentemente, impor suas lideranças.

Para cumprir o objetivo de sua apologia, Paulo ressalta o poder que recebeu do próprio Cristo e tece todo o discurso argumentativo, com vistas a resgatar sua autoridade por meio da manifestação do seu *ethos* e de seus oponentes. Dessa forma, Paulo projeta o *ethos* negativo de seus oponentes ao tratá-los ironicamente como ‘eminentes apóstolos’, ao chamá-los de insensatos por se gloriarem em títulos humanos e, também, ao compará-los com Satanás que, apesar da aparência de bom, é, na verdade, mau e inimigo de Deus.

Dessa forma, para rebater os seus oponentes que tentavam atribuir-lhe um *ethos* negativo de carnal e de fraco no falar, o apóstolo transparece no seu discurso o *ethos* de competência e discernimento (*phónesis*); virtude e franqueza (*areté*); amabilidade e solidariedade (*eúnoia*). Assim, as três qualidades do orador crível, assinaladas por Aristóteles (2005), são tecidas na defesa de Paulo de maneira a resgatar sua imagem e, assim, persuadir o auditório da legitimidade de seu apostolado.

### Referências

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. 17. ed. Estudo introdutório de Godoffredo Telles Júnior. Introdução e notas de Jean Voilquim e Jean Capelle. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

- BÍBLIA VIDA NOVA. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- CAMPBELL, Karlyn Kohrs; HUXMAN, Susan Schultz; BURKHOLDER, Thomas R. **Atos de retórica**: para pensar, falar e escrever criticamente. Tradução técnica da 5. ed. norte-americana de Marilene Santana dos Santos Garcia. São Paulo: Cengage Learning, 2015.
- CHAUI, Marilena. Unidade 8: O mundo da prática. Capítulo 2: A experiência do sagrado e a instituição da religião. In: \_\_\_\_\_. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000, p. 379-401.
- COMBLIN, José. **Segunda epístola aos Coríntios**. Petrópolis: Vozes/Sinodal/Methodista, 1991 (Coleção Comentário Bíblico).
- EGGS, Ekkehard. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna. Tradução de Dilson Ferreira Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. In: AMOSSY, Ruth (Org.). 2. ed. **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 29-53.
- FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010.
- \_\_\_\_\_; FIGUEIREDO, Maria Flávia. A dimensão do *ethos* nos gêneros retóricos. In: LIMA, Eliane Soares de; GEBARA, Ana Elvira Luciano; GUIMARÃES, Thayse Figueira (Org.). **Estilo, ethos e enunciação**. Franca: Unifran, 2016, p. 58-79.
- KRUSE, Colin G. **2 Coríntios**: introdução e comentário. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida Nova, 2007 (Série Cultura Bíblica).
- MEYER, Michel. **A retórica**. Revisão técnica de Lineide Salvador Mosca. São Paulo: Ática, 2007.
- \_\_\_\_\_. Prefácio. In: Aristóteles: **Retórica das paixões**. Introdução, notas e tradução do grego de Ísis Borges Belchior da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. XVII-LI.
- MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Paulo**: biografia crítica. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- ORLANDI, Enni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1983.
- PERELMAN, Chaïm.; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Prefácio de Fábio Ulhôa Coelho. Tradução de Maria Emantina Galvão Gomes Pereira. **Tratado de argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. 2. ed. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- TRINGALI, Dante. **A retórica antiga e outras retóricas**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Musa, 2014.

## **THE IMAGE OF HIMSELF IN THE APOSTLE PAUL'S APOLOGIA: THE *ETHOS* CONSTRUCTION**

### **ABSTRACT**

This article analyzes the manifestation of Paul's *ethos* in the defense of his apostolate; specifically, it sees how three qualities of the believable orator pointed out by Aristotle (2005): *phónesis*, *areté* and *eúnoia*, which constitute the discourse and how he rescue his authority, once tainted by his opponents in the Christian community of faithful in Corinth. For this purpose, the theoretical framework of Ancient

Rhetoric and New Rhetoric was used, with the studies of Aristotle (2005), Eggs (2019), Meyer (2007), Ferreira (2010) and Perelman&Olbrechts-Tyteca (1996). It also included contributions from the Studies Philosophy on Religion, with Chaui (2000), and the Sciences of Religion, with Murphy-O'Connor (2004), Kruse (2007) and Comblin (1991).

**Keywords:** Rhetoric. *Ethos*. Apostle Paul.

**Envio:** abril/2020

**Aceito para publicação:** maio/2020

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267